



### O RIO, Henfil

E o rio  
corre sozinho...  
Vai seguindo  
seu caminho,  
não necessita  
ser empurrado.

Pára um pouquinho  
no remanso...  
Apressa-se  
nas cachoeiras...  
Desliza de mansinho  
nas baixadas.

Precipita-se  
nas cascatas...  
Mas, no meio  
de tudo isso,  
vai seguindo  
seu caminho...

Sabe que há um  
ponto de chegada.  
Sabe que seu  
destino é  
para frente.  
O rio não sabe  
recuar...

Seu caminho  
é seguir em frente.  
É vitorioso,  
abraçando  
outros rios,  
Vai chegando  
no mar...

O mar é  
sua realização...

É chegar  
ao ponto final...  
É ter feito  
a caminhada...

É ter realizado  
totalmente  
seu destino...

A vida da gente  
deve ser levada  
do jeito do rio...

Deixar que corra  
como deve correr.  
Sem apressar  
e sem represar...  
Sem ter medo  
da calma...  
E sem ver  
as cachoeiras.

Correr  
do jeito do rio,  
na liberdade  
do leito da vida,  
sabendo que há  
um ponto  
de chegada...

A vida é  
como o rio...  
Por que apressar?  
Por que correr,  
se não há  
necessidade?

Por que  
empurrar a vida?  
Por que chegar  
antes de se partir?

Toda natureza  
não tem pressa.  
Vai seguindo  
seu caminho...  
Assim são  
as árvores...  
Assim são  
os animais...  
Tudo o que é  
apressado  
perde o gosto  
e o sentido.

A fruta forçada  
a amadurecer  
antes do tempo,  
perde o gosto...

Tudo tem  
seu ritmo...  
Tudo tem  
seu tempo...  
E então,  
por que apressar  
a vida da gente?

Desejo ser um rio...  
Livre dos empurrões  
dos outros  
e dos meus  
próprios.

Livre das poluições  
alheias e  
das minhas.  
Rio original,  
limpo e livre...

Rio que escolheu  
seu próprio  
caminho...

Rio que sabe  
que tem um  
ponto de chegada.

Sabe que o tempo  
não interessa...  
Não interessa  
ter nascido  
a mil ou  
a um quilômetro  
do mar.  
Importante  
é chegar ao mar...

Importante é dizer  
"cheguei!"  
E porque cheguei,  
estou realizado.

A gente  
deveria dizer:  
Não apresse o rio,  
ele anda sozinho...  
Assim deve-se  
dizer a si mesmo  
e aos outros:  
não apresse a vida,  
ela anda sozinha...

Deixe-a seguir  
seu caminho  
normal.  
Interessa saber  
que há um  
ponto de chegada  
e saber  
que se vai  
chegar lá...

É bom viver  
do jeito do rio!

## FAMÍLIA LASSALISTA

Envie sua opinião,  
sugestão ou texto para  
[ser@lasallebotucatu.com.br](mailto:ser@lasallebotucatu.com.br)

[www.lasalle.org.br](http://www.lasalle.org.br)

É incumbência do estado de vocês  
educar as crianças! Devem consi-  
derar a obrigação de conquistar o  
amor dos alunos como um dos  
principais meios de levá-los a vi-  
verem cristãmente!

Meditação 115,3

*De la Salle*



□ As escolas lassalistas são confessionais por sua origem. O Fundador, São João Batista de La Salle, incluiu, no currículo das escolas que estabeleceu, a confessionalidade como elemento essencial. Nós somos, hoje, os herdeiros de sua doutrina. Importa que sejamos fiéis administradores dessa herança.

□ Tornam-se necessários esclarecimentos, porque o termo “escola confessional” pode gerar polêmicas e mal-entendidos, frente à pluralidade cultural de nosso tempo, e frente ao respeito exigido para a opção de fé de cada pessoa, a par da importância da confessionalidade em nossos centros educativos.

□ Hoje é necessária uma sabedoria específica de como viabilizar uma escola confessional católica na qual possam conviver fraternalmente pessoas de credos diferentes. Consideramos riqueza incontável o encontro de credos variados numa escola cristã católica, contanto que sua direção e seu corpo docente usem da sabedoria capaz de estabelecer o diálogo ecumênico e inter-religioso e ao mesmo tempo saibam preservar a essência da fé cristã e o sentido da religião. Para início de reflexão, proponho um questionamento e sugiro uma resposta: em que consiste a confessionalidade de nossas escolas?

□ Para responder, recorro à orientação deixada por São João Batista de La Salle, na Meditação 193. O Santo Padroeiro dos Professores parece deixar claro que o educador deve empenhar-se em tudo fazer para que os educandos cheguem ao conhecimento da Verdade.

□ O ser humano traz inata a sã curiosidade em relação à verdade. No Evangelho de São João vemos como Pilatos se perturbou frente às palavras de Jesus: “... Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho da verdade. Todo aquele que está com a verdade, ouve a minha voz” (Jo 18, 34b). E Pilatos disse: “O que é a verdade?” O Governador romano ficou sem resposta. E, parece, que nem se interessou para obtê-la. Para isto entendermos, basta observar a seqüência dos fatos.

□ Fazemos um apelo aos educadores, a todos os colaboradores de nossas obras educativas, para que não sejam tão insensíveis como foi Pilatos, apenas a questionar “o que é a verdade?” e em seguida afastar-se dela, mas se imbuam de salutar curiosidade, aliada à prudência, em se instruir acerca da verdade.

□ Confessionalidade supõe fé, como base, e requer sua declaração explícita e pública. O cristão de fé, profissional da educação, poderá encontrar na Meditação 193, de S. J. B. de La Salle, uma síntese magistral sobre a Verdade: “Tão grande é a bondade de Deus que, tendo criado os homens, quer que cheguem todos ao conhecimento da Verdade. Esta Verdade é o próprio Deus e tudo quanto se dignou revelar-nos, quer por Jesus Cristo, quer pelos santos Apóstolos e sua Igreja”. Podemos afirmar que os principais elementos confessionais, integrantes da escola cristã, encontram-se sintetizados nesse texto.

□ “A Verdade é o próprio Deus”. Por isso Jesus Cristo, Filho de Deus, pôde exclamar “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Sabemos que o oposto da

verdade é a mentira. A pessoa de fé acredita que lá onde não habita Deus, mora e prepondera a mentira. O império da mentira se avoluma na proporção do crescimento do ateísmo. Um mundo justo se constrói pela verdade, sobre a verdade, na verdade e para a verdade. A escola confessional lassalista, portanto, realiza missão profética tanto mais necessária quanto maior é a ameaça do engodo da mentira.

□ “A Verdade é tudo quanto Deus se dignou revelar-nos, quer por Jesus Cristo, quer pelos santos Apóstolos e sua Igreja”. A Proposta Educativa Lassalista inclui o anúncio explícito de Jesus Cristo. Ele é a Verdade e seus ensinamentos revelam a Verdade. Na escola lassalista a Educação Religiosa privilegia os ensinamentos do Evangelho, a Doutrina dos Apóstolos e as Orientações da Igreja. Temos ali, portanto, vários elementos da confessionalidade.

□ O anúncio explícito de Jesus Cristo, na escola cristã, visa a formar os alunos discípulos dele, instruídos em sua Palavra, fiéis a ela e executores de sua profecia: “Se vocês guardarem a minha palavra, vocês de fato serão meus discípulos; conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (Jo 8, 31-32).

□ Portanto, faz parte da confessionalidade da escola católica que todas as pessoas, nela envolvidas, se comprometam com a verdade ampla: científica, antropológica, política, ética e religiosa e acolham e façam bem a todas as pessoas, a exemplo de Jesus Cristo, independente de religião, de política partidária, de situação social..., sem proselitismos e sem fundamentalismos.

Vivemos em tempos de mudanças. Existem ocasiões que as promovemos. E existem outras que as facilitam e exigem.

Quando a Congregação celebrava seu Capítulo Geral para aplicar as decisões do Concílio Vaticano II (1966-1967), as mudanças afetavam o futuro do Instituto, tanto na sua interpretação, na vivência do carisma e de sua Missão, como na organização de suas estruturas.

As mudanças que vivemos hoje afetam, pois, a nossa maneira de ser lassalista. A primeira exigência consiste em definir nossa IDENTIDADE lassalista. Com efeito, precisamos redefini-la e reexpressá-la, para que seja sinal significativo dos novos tempos em que vivemos.

Com as mudanças, as palavras e as experiências adquirem sentido e alcance novos. Com frequência, as palavras e as experiências devem ser entendidas de uma nova maneira. Em toda mudança é preciso considerar a realidade. Quem é que experimenta o que somos como lassalistas? Para quem é que somos lassalistas? Com quem demonstramos aquilo que somos? Como é que manifestamos a identidade de nosso ser?

A experiência lassalista, como toda experiência humana, vive-se no tempo. João Batista de La Salle foi filho de seu tempo. Como descobriu e valorizou a importância de mudanças no tempo em que viveu? La Salle abriu-se para suas experiências, desafios e potencialidades. Hoje reconhecemos que La Salle foi filho de seu tempo, mas valorizamos a sua maneira de adiantar-se ao futuro. A experiência e os escritos de La Salle nos agradam e nos enriquecem, hoje, porque descobrimos neles a sabedoria perene. La Salle é homem espiritual mais próximo ao Vaticano II que a Trento. Em sua época, e com 100 anos de atraso, a Igreja da França começava a aplicar as decisões do Concílio de Trento. Lendo



La Salle, temos a sensação de que João Batista se encontrava muito à frente de seu tempo.

Falar de La Salle é fazer referência, pois, à sua vida, às suas intuições, aos seus compromissos, a seu espírito. Falar de La Salle, hoje, é fazer referência também a seu carisma e à sua maneira de viver ao longo de um tempo de mudança. Também pensamos nas tradições que foram tomando forma ao longo dos anos e que identificamos como tradições lassalistas. Vividas no seu tempo, as tradições lassalistas podem perder e podem ganhar, em força e em realismo. Tudo depende de como as vivemos e do tempo que nos cabe vivê-las e assumi-las.

Durante quase três séculos o Instituto Lassalista expressou seu carisma numa única forma visível e estável: a do Irmão.

Dizia-se, com razão, que João Batista de La Salle era o Fundador dos Irmãos. Acontece que há cerca de 40 anos apareceram outras formas de referência a La Salle e de identificações com seu espírito. Surgiram, assim, as formas novas do “ser Lassalista”. Também diversificou-se e se multiplicaram os agentes da Missão Lassalista. Por isso, neste momento, precisamos falar dessas formas variadas, plurais e complementares. Vivemos diversidade de formas de referências ao Fundador. Hoje, João Batista de La Salle é Pai e Mestre Espiritual de muitos Irmãos, Irmãs, Leigos e Leigas.

Produziu-se, de fato, o fenômeno da explosão das formas do “ser Lassalista”. Não é de se estranhar, já que vivemos numa cultura de “explosão”. A Regra dos Irmãos prefere usar a palavra “transbordar”: Os dons espirituais que a Igreja recebeu em São João Batista de La Salle transbordam...

A vocação lassalista, aberta a quantos levam a sério a consagração batismal, arraigada numa vida de fé mais consciente

e comprometida, expressa-se hoje nas seguintes novas opções de vida lassalista:

- O Capítulo de 1976 fez uma reflexão sobre os graus de pertença ao Instituto. Surge então a comunidade de leigos Signum Fidei.

- No Capítulo Geral de 1986 aparece a expressão “Família Lassalista”. Nas palavras do atual Superior Geral, “um grande guarda-chuva onde cabem todos” com diferentes graus de compromisso.

- No Capítulo Geral de 1993 utilizou-se a expressão Missão Partilhada. Irmãos e colaboradores leigos olham juntos na mesma direção, pois a Família Lassalista tem como objetivo a Missão: uma resposta às necessidades de crianças e jovens de hoje.

- No Capítulo Geral de 2000 surge o conceito de Associação, um convite a quem deseja viver o espírito de La Salle como uma vocação, levando uma vida de fé, vivendo uma experiência comunitária e optando por um compromisso de serviço aos pobres. A idéia de Associação supõe um passo a mais na vinculação entre Irmãos e Colaboradores Leigos. Para fortalecê-la, é impulsionada a criação da nova Comissão “Missão Educativa Lassalista”, onde participam Irmãos e Colaboradores Leigos com direito a voz e a voto.

Segundo o atual Superior Geral, a origem de todo este processo é de caráter teológico e eclesial e está relacionada com o importante papel que o leigo deve ter na Igreja e no mundo. “O caminho empreendido há 40 anos nos conduz a diferentes etapas”, como ao Fundador: “um compromisso o levava a outro compromisso”.

Nas últimas décadas, toda riqueza está entrando na vida e no trabalho de numerosos educadores lassalistas. Assim, a “Tradição Lassalista” vai-se transmitindo de geração em geração. Os Irmãos não são os únicos agentes de transmissão. Tudo indica que estes agentes irão se diversificando mais e mais nas próximas décadas.



▣ **Vivemos** hoje um período histórico de transição, com fortes tendências para o materialismo. Ideologias extremamente contrastantes penetram os meios sociais e religiosos de tradicional e comprovada aceitação. Os preceitos divinos e os aconselhamentos para o transcendental não mais comovem tanto os corações. Muitos se esquecem de que, além da vida material, há, para o ser humano, uma vida divina. Outros esquecem que, “ter” fé é um grande dom de Deus, mas não “saber” vivê-la é uma incoerência.

▣ **Enquanto** o econômico teimar em desconhecer os valores espirituais, não será possível tranquilizar e harmonizar as estranhas rebeldias que põem em reboição o íntimo do nosso ser. Agostinho, o jovem irrequieto de Tagasta, bem conheceu a realidade dessa situação. Por isso, depois de sua transformação interior, afirmava, sem receios de incorrer em exageros, que o coração da gente anda na inquietação, enquanto não repousar em Deus.

▣ **Muito** significativamente, vem aqui, a propósito, o convite amoroso do Divino Mestre, quando nos diz: “Vinde a mim todos vós, fatigados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei (...) e achareis descanso para vossas almas” (Mt

11,28-29). Com essas palavras confortadoras, Ele nos quis ensinar que o cristianismo não é uma filosofia, e nem consiste em decorar uma doutrina; mas, essencialmente, ele se resume em seguir e entregar-se a uma pessoa: Jesus Cristo, o Filho de Deus Pai, com o qual é preciso comprometer-se sem restrições.

▣ **A** preocupação máxima de La Salle foi a de que seus mestres transmitissem a seus discípulos o exato conhecimento dessas e de outras verdades, que o seguidor de Cristo não pode ignorar. Sempre - com afirmações categóricas e exemplos de vida - ensinou e defendeu o absoluto predomínio do espírito sobre a matéria, jogando fora suas riquezas, indo viver com os pobres e como os pobres. Insistia com seus Irmãos, para que “... não olheis para as coisas que se vêem, mas para as que não se vêem; pois, o que se vê é transitório, mas o que não se vê, é eterno” (Med. 2,1).

▣ **Hoje**, muito se fala em espiritualidade. Ela consistiria num processo de transformação interior e se basearia em relacionamentos humanos, expressos em gestos de solidariedade, amor, compaixão, perdão, ajuda, honradez, tolerância, responsabilidade, e tudo o mais que poderia proporcionar felicidade a si mesmo e aos outros. Ela não é “a religião”, mas é o alicerce indispensável a toda religião.

▣ **Embora** isso pareça novidade, o fato é que La Salle, na sua Meditação 193,3 já dizia: “... que sejam (os alunos) delicados e gentis uns com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus lhes havia perdoado por Jesus Cristo. E que se amassem reciprocamente, a

exemplo do amor com que Jesus Cristo os tinha amado”. La Salle, como sempre, aqui também, se baseia na Bíblia. É só conferir em Mateus, quando Jesus manda deixar a oferta ao pé do altar e ir, primeiro, reconciliar-se com o irmão, sem o que, Deus não aceitaria a oferta. Sem o perdão, não há vivência cristã.

▣ **Tudo** o que nos resta de La Salle comprova que ele aspirava a elevar à mais alta sublimação a competência de seus mestres, no intuito de que pudessem redimir as crianças pobres de seu estado de vida: “...tendes obrigação de aprender a doutrina (...) de Jesus Cristo a fim de que, conhecendo-a perfeitamente, possais fazer de vossos alunos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo” (Med. 116,2). “Para procurar a salvação deles, não deveis empenhar somente todo o vosso cuidado, mas consagrar a isso toda a vossa vida e todo o vosso ser” (Med. 137,3).

▣ **Sempre** aquela mesma preocupação. Queria que todos os seus mestres - e não apenas os professores de religião - fossem guias capazes de conduzir aquelas pobres crianças nos caminhos da salvação. Por isso, com muita fé e profunda convicção - sempre usando o verbo no imperativo - dizia-lhes: “Esforçai - vos junto a vossos alunos para que considerem o pecado como uma doença vergonhosa que infeta as almas e as torna indignas de chegar-se a Deus e de aparecer diante dele. Inspirai-lhes o amor à virtude e o sentimento de piedade. Empenhai-vos para que Deus reine sempre neles. Então não pactuarão com o pecado. Evitarão pelo menos os pecados graves, que matam a alma” (Med 67,1).

▣ **Ao** ler essas e outras citações de um doutor em teologia de há três séculos atrás, não há de faltar quem diga que isso foi bom “pra monges” daquela época... Que os paradigmas de hoje são outros... Que, querer aplicar hoje o que era bom alguns séculos passados é ser retrógrado, etc. etc. Tudo bem. Mas isso nos faz refletir. Continuará a repercutir, através dos séculos, o “tudo acabará, menos as minhas palavras”. Convém também pensar que a Verdade é uma só e ela não tem idade.

▣ **Infelizmente**, hoje, nós nos esquecemos de refletir. E se o mundo vai mal - já o dizia o profeta Amós - é porque não há quem reflita. Refletir é um privilégio só concedido ao ser humano. “Ser humano é ser pensamento, e ter a capacidade de comunicar seu pensamento. Toda a nossa dignidade é constituída pelo pensamento” (Pascal).

▣ **Para** quem reflete, não lhe será difícil descobrir sua condição de ser humano. É só fechar os olhos e olhar para dentro de si. É só querer se dar conta das aspirações e rebeldias que estão em ebulição no íntimo do seu ser e se perguntar: O que significa tudo isso? Quem sou eu? De onde eu vim? Por que estou nesta terra? Qual o meu lugar neste mundo? O que me espera depois da morte?

▣ **Por** mais tímidas que possam ser as respostas que devo dar a essas perguntas, elas me conduzirão a esta conclusão: “O ser humano, só será plenamente humano, quando buscar ser super-humano” (Leonardo Boff). Sim! “Há um futuro escondido no profundo do meu ser que quer desabrochar, vir

para fora. É preciso que ele ultrapasse este mundo, que um outro mundo quer surgir, sem demora.” (Amâncio). Não há escapatória para nós. Somos humanos por criação divina. Não se aceitar como tais, é uma incoerência. No entanto, não podemos nos contentar em ser humanos, mas devemos buscar o super-humano, vivendo como filhos de Deus.

▣ **“O que** diferencia o homem do animal é a sua capacidade de raciocinar. Sua sorte não está ligada às determinações do instinto. Para se realizar, como ser humano, precisa de um fundamento seguro, que são os valores próprios da sua espécie. Esses valores são uma fortaleza que lhe garantem a existência. Sem ela, fica no mais absoluto abandono, exposto à vulnerabilidade dos contra-tempos da vida, tornando inevitável o seu desmoronamento. Destruídos os valores e sem a interferência do instinto, que norteia os passos do animal, o homem se torna o mais perigoso dos animais. Não havendo mais barreiras que o detenham, tudo lhe será permitido e acabará por decretar a moralidade do crime”.

▣ **O desafio** que a escola lassalista sempre teve pela frente foi feito à sua capacidade de mover os corações de seus alunos. Isto significa que ela deve ser capaz de produzir transformações significativas no íntimo das pessoas.

▣ **Duas** dimensões concorrem para que isso aconteça. Primeiramente, que se tenha uma noção exata da chamada espiritualidade, isto é, da prática da solidariedade que vincula os mestres à vida e aos interesses dos

alunos, “fazendo-os verdadeiros cristãos e bom cidadãos” (Med 160,3), pois devem ser capazes de estender a mão às suas necessidades, ignorando os apelos do egoísmo que levam a desconhecer as coisas essenciais à vida do cristão e do cidadão.

▣ **Em segundo** lugar, requer-se que, sobre este alicerce da espiritualidade, se fundamente a religião que cada um pratica, com seus conceitos dogmáticos, suas exigências morais e culturais.

▣ **Compenetrado** disso, La Salle foi capaz de renunciar às galas palacianas para ir viver com os pobres, para os pobres e como os pobres, a fim de que estes pudessem emergir da sua condição sub-humana. Sua obra estupenda partiu dessa experiência. E é maravilhoso constatar como ela o conduziu às culminâncias da santidade, cobrindo-o de glórias através de séculos. Podia ele, com muita categoria, deixar este recado a seus Irmãos: “Ficai sabendo que, para ter o espírito cristão, é preciso que vossas obras não desmintam a fé que professais e que sejam a viva expressão do que se encontra no Evangelho” (Med 84,3).



# A MISSÃO DO COLABORADOR

Ir. Silvino José Fritzen, fsc - Niterói/RJ

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja foi redescobrimdo sua identidade como COMUNHÃO DE COMUNIDADES, toda ela evangelizadora e ministerial, para onde todos são chamados à santidade em igualdade de condições. Nesse novo modelo de Igreja, o leigo está encontrando seu lugar como protagonista e não somente como “objeto” da evangelização junto aos “evangelizadores tradicionais”, os sacerdotes e os religiosos.

Acima de todos os fatores circunstanciais, este é o marco no qual precisamos situar a Comunidade Cristã Lassalista, fora da qual ela é incompreensível. Não é um fator a mais, mas a causa-raiz da missão evangelizadora da Igreja e dos novos relacionamentos na comunidade da fé entre leigos, religiosos e sacerdotes.

Com razão denominou-se o Concílio Vaticano II, o concílio dos leigos. A partir de então os batizados, que são Igreja de Cristo, têm consciência de sua realidade e aceitam o compromisso como construtores do Reino de Deus. Hoje a educação cristã está nas mãos dos leigos. Homens e mulheres que vivem sua vida guiados pela fé, consagrados à formação total da pessoa do amanhã.

São João Batista de La Salle intuiu, muito antes do Concílio, a importância do leigo na Igreja. Quis que as pessoas comprometidas com suas escolas fossem leigos. Quando hoje se fala com insistência da importância dos leigos no campo da educação, convém lembrar a intuição que este santo teve, há séculos, ao valorizar o leigo para cristianizar a sociedade a partir das escolas.

O laicato promovido por La Salle tardou em tornar-se familiar dentro da Igreja, mas em nossos dias, nós nos damos conta da importância que tem na educação. Uma força que a Igreja deve tomar a sério, para formar mestres competentes, comprometidos com sua fé, para orientá-los, animá-los, apoiá-los para que possam viver com a dignidade que sua missão merece. Grande parte da tarefa que Jesus recomendou para seus discípulos é possível que alcance nossos alunos se os mestres forem cristãos.

Hoje é a hora dos leigos como responsáveis pela educação. Por isso o Senhor de La Salle convida o mestre para uma entrega generosa na nobre tarefa da educação cristã. Seu chamamento é, ao mesmo tempo, um convite e um desafio. Um chamamento para pôr ao alcance daqueles que o precisam e desejam uma formação humana e cristã. Isso foi a vida do Fundador das Escolas Cristãs, a resposta ao chamamento de Cristo e que hoje La Salle continua convidando o mestre para orientar os alunos à luz das verdades do Evangelho, para cultivar os valores do espírito e para anunciar a salvação como corajosas testemunhas do Reino de Cristo.

Passaram-se três séculos e o seu chamamento alcança um significado especial, poderíamos dizer mais urgente e desafiante. Desde o nascimento das escolas cristãs de São João Batista de La Salle, três séculos podem parecer muito, mas perante os olhos de Deus são breves. Nessa hora corresponde aos leigos encontrar o caminho de sua realização humana e cristã no exercício da docência, levantar a tocha da fé para que a escola continue sendo orientadora de uma juventude que às vezes não sabe por onde andar. Trata-se de assumir uma responsabilidade evangelizadora num mundo que precisa de Deus.

Para que isso seja possível, o mestre deve ser uma pessoa de fé, que dê sentido cristão. Considera a educação como um importante ministério dentro da Igreja. Por isso, diz que o mestre é um ministro de Deus, um embaixador de Jesus Cristo, apoiando-se em São Paulo, vê o mestre um hábil arquiteto, empenhado na construção do Reino de Deus e também o responsável de um campo que, por seu meio, Deus cultiva.

## REFLEXÃO

**Sonhei um sonho pequeno,  
com dimensões muito grandes,  
de ver os povos se amar,  
amar mesmo os mais distantes.**

**Um sonho em que pequeninos  
pudessem sempre sorrir,  
e que o adulto deixasse  
cada sorriso florir.**

**Sonhei com todas as flores  
de um imenso jardim,  
que brotavam de canhões,  
pra guerra acabar, enfim.**

**Sonhei com os continentes  
unidos por um ideal  
de justiça, amor e paz:  
pra todos, um mundo igual.**

**Por fim sonhei com Deus,  
que falava ao meu coração:  
plante e semeie amor  
em todos, sem restrição.**

***Maria das Graças Jorge Veiga***

**De algum modo,  
em algum lugar,  
o professor lassalista  
fez uma opção deliberada,  
na qual não viu  
seus próprios interesses,  
mas, apenas os dos alunos.**

**Quando o professor faz  
uma opção deliberada  
de educar seus alunos,  
segundo os ensinamentos  
de La Salle, responde  
ao chamado que Deus lhe faz  
Isso é vocação!**

***Pe. Adilson Schio, MS***

# TODOS VOCACIONADOS?

Ir. Clovis Trezzi, fsc - Brasília/DF

□ Certa vez, quando ainda era adolescente, ouvi numa palestra sobre vocação que todos nós somos vocacionados. Confesso que naquela ocasião esta afirmação me surpreendeu. Até então eu sempre tinha ouvido dizer que vocacionado é só quem está se preparando para ser Padre, Irmão ou Irmã. Na época foi difícil assimilar a idéia, mas ela é perfeitamente coerente com aquilo que entendemos por vocação.

□ Na raiz da palavra VOCAÇÃO está o termo latino *vocare*, que quer dizer simplesmente “chamar”. Pois bem. Se há um chamado, há o sujeito que dirige o chamado e o objeto, aquele a quem este chamado é dirigido. Pois bem. O sujeito que chama é Deus. A pessoa a quem é destinado o chamado somos nós. E para entender o porquê de dizermos que todos somos chamados basta lembrarmos que somos todos filhos de Deus. E por que ele chamaria a apenas alguns de seus filhos? Ele quer a todos igualmente.

□ Outro dado importante a ser observado na vocação é que Deus não olha limitações. “Antes que estivesse formado no ventre de tua mãe, eu já te havia escolhido e consagrado” (Jr 1), diz o Senhor ao profeta Jeremias, que se achava incapaz de profetizar. Se ele nos escolhe já antes do nascimento, quer dizer que não se importa com aquilo que somos capazes de fazer. Cada um contribui com aquilo de que é capaz.

□ O primeiro e principal chamado é o chamado à VIDA. É destinado a todas as pessoas igualmente. O segundo chamado é ao AMOR. Também destina-se igualmente a todas as pessoas. É aqui que se encontra o núcleo daquilo que chamamos vocação. Todos somos chamados ao amor, mas nem todos somos chamados a vivê-lo da mesma maneira. Por isso distinguimos as quatro maneiras principais de vivê-lo:

através do Matrimônio, do Sacerdócio, da Vida Consagrada (Irmãos e Irmãs), e como Leigo, colaborando na comunidade.



□ De qualquer forma, todas as vocações são uma maneira de viver o amor, que pode ser dedicando-se à família, como é o caso do matrimônio, ou então à comunidade, como é o caso das demais. Embora possa parecer estranho para muitos, em qualquer estado de vida escolhido, por trás está um chamado, uma força maior que impele a viver desta ou daquela maneira. E isto se torna mais desafiador, porque exige um comprometimento maior. Pense bem, você não está fazendo o que faz simplesmente porque decidiu, mas porque por trás está o chamado divino. Como não se comprometer se é Deus quem está chamando? Compreender a vocação desta maneira é assumir o ideal do chamado com compromisso cristão.

□ A escolha da vocação sempre gerou muita angústia. E isso se dá especialmente nos dias de hoje, quando nos são oferecidas tantas possibilidades pelo mundo pós-moderno. Hoje, mais do que nunca, esta angústia existe especialmente ao saber que responder à vocação é co-

locar-se diante de Deus e dele depender, sem saber exatamente o que ele vai querer de nós. Um dos maiores anseios do ser humano é ser livre e independente; e a idéia de vocação como um chamado e um compromisso faz parecer que a pessoa deixa de ser livre para colocar-se à disposição de Deus. Na verdade nos colocamos à disposição de Deus, mas não deixamos de ser livres. Deus lança o apelo, mas cada pessoa escolhe a maneira de seguir a este apelo.

□ O ano de 2003 foi escolhido como o ano vocacional, com o tema: “batismo, fonte de todas as vocações”, e o lema: “Avancem para águas mais profundas”. Este é um apelo muito importante para todos nós. Avançar para águas mais profundas significa não ter medo de ousar. Os discípulos de Jesus estavam com medo quando ele morreu, achavam que não teriam condições de continuar o projeto. E ele mostrou que eles seriam capazes se se lançassem, se fossem para as águas mais profundas.

□ Quer dizer que Jesus nos desafia hoje a não sermos medíocres, a termos a coragem de assumir a nossa vocação com fidelidade, seja ela qual for. Ser vocacionado não significa esperar passivamente que o Senhor lance o chamado e diga o que fazer. Ser vocacionado é correr atrás. É não gastar energias procurando desculpas ou usando as limitações como desculpa. Ser vocacionado é acreditar que Deus criou você para ajudar a construir seu Reino, e que não importa o quanto você vai poder contribuir, ele colocou em você vários dons para serem utilizados nisso.

□ Ser vocacionado, enfim, é ter consciência de que você não está no mundo apenas para “brincar de viver”, mas está com o objetivo de contribuir para que o mundo seja mais feliz.

# QUE A ESCOLA FUNCIONE BEM (3)

Prof. Antônio Puhl - Niterói/RJ

Para La Salle, a escola funciona bem quando as aulas são atraentes, formadoras do caráter e da inteligência, educadoras da vontade, da fé e dos hábitos. Evidentemente, supõe-se toda a organização e estrutura em função do objetivo acima.

Nos artigos anteriores, levantamos alguns elementos referentes aos professores (artigo 1) e referentes aos alunos (artigo 2). Neste, de hoje, vamos analisar, brevemente, as relações educativas enquanto condição do bom funcionamento de uma escola.

Poutet e Pungier\* nos apresentam a visão de La Salle da seguinte forma:

La Salle não mascara seu ponto de vista: as crianças não são alunos, mas discípulos; o professor não é funcionário, mas substituto dos progenitores, representantes de Jesus Cristo, ministros de Deus e da Igreja. A criação não está acabada: o educador participa no progresso de cada aluno em vista da melhoria da sociedade para a felicidade temporal e eterna de cada qual.

Assim, o clima da escola é mudado profundamente. O mestre não é a autoridade suprema: é para Deus que se orientam todos os olhares; é somente d'Ele que podem emanar as ordens: de sua vontade decorrem as orientações a serem tomadas.

Cuidado e afeição substituem vigilância policialesca e autoridade fria.

Amar ternamente todos os alunos; ficar alerta com relação às crianças e ter-lhes suficiente atenção e desvelo; empenhar toda a aplicação para instruí-las; estar atento a tudo o que a elas se refere: eis expressões e palavras a fluírem a todo momento da pena do fundador dos Irmãos.

A firmeza, contudo, não está ausente: é preciso ter-lhes firmeza de pai e ternura de mãe. A primeira se manifesta nas exigências do mestre. Não se curva ante caprichos e desenvolturas de crianças turbulentas e preguiçosas. A correção existe. É tentativa para emendar, retificar. Não se utiliza nos malogros intelectuais, porém, nos desvios do comportamento. As condições de sua aplicação são estritamente previstas. Há de ser:

- desinteressada: feita por amor a Deus e ao aluno;
- justa: isto é, referir-se à verdadeira falta;
- proporcional à responsabilidade do culpado;
- moderada: antes menos pesada que demasiado rigorosa;
- calma e, de preferência, com aplicação retardada;
- suficientemente motivada, para ser livremente aceita pelo aluno.

As relações educativas possuem caráter de simplicidade e sinceridade, por se apoiarem no exato conhecimento dos discípulos e do seu ambiente familiar, social e profissional.

Há contato com o pai ou a mãe no momento da inscrição na aula. O diretor se informa da profissão (do pai), do comportamento do filho nas escolas anteriores (se for o caso), do futuro sonhado para ele, dos bons e maus hábitos, das qualidades, das limitações físicas, da vida cristã." (p. 114-5)

Tudo isto, certamente, leva o aluno a participar mais intensamente da escola e da sala de aula. A escola passa a ser reconhecida por ele como a "sua escola". O aluno precisa ter orgulho de sua escola, de seus mestres. Aos poucos, ao invés de dizer "eu estudo na Escola X", dirá "a Escola X é a minha escola" e a identificar-se com ela, com sua proposta educativa.

Uma escola em que alunos e professores se amam, uns ajudam os outros no crescimento pessoal e coletivo, é uma escola que vai bem e que contribui, de maneira real e efetiva, para o crescimento pessoal e comunitário.

\* PONTET, Yves e PUNGIER, Jean. *La Salle e os desafios de seu tempo. Canoas, La Salle, 2001.*

\* GRIEKEN, G. Van. *Touching the hearts of student: characteristics of Lassalian Schools. Maryland, Christian Brothers Publications, 1999.*

## FORMATIVO FAMÍLIA LASSALISTA

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista  
de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93  
Vila Guilhermina  
CEP 03542-100  
São Paulo - SP  
[www.lasalle.org.br](http://www.lasalle.org.br)

## COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA:

Ir. Arno Canísio Atz  
Ir. Cassiano Freze Costa  
Marcos Luciano Corsatto  
Mariana Di Mango Dias

## JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Marcos Luciano Corsatto  
MTb 37617

## REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

## SUPERVISÃO E EXPEDIÇÃO:

Ir. Ignácio Weschenfelder  
Ir. Arno Canísio Atz

## IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle  
Rua Dr. Paulo César, 222  
Icaraí  
CEP 24220-400  
Niterói - RJ  
Fone (21) 2620-7326

## E-MAIL:

[ser@lasallebotucatu.com.br](mailto:ser@lasallebotucatu.com.br)

